

Clarice Lispector

Quase de verdade e outros contos

Ilustrações
Mariana Valente



Clarice Lispector

Quase de verdade
e outros contos



Copyright © 2019 by Paulo Gurgel Valente

Ilustrações de capa e miolo: Mariana Valente

Texto prefácio: Paulo Gurgel Valente

Texto posfácio: Pedro Karp Vasquez

Direitos desta edição reservados à

EDITORA LENDO E APRENDENDO LTDA

Estrada das Chácaras, 195/Lote 26, Quadra 08 – Galpão A Parte

Chácaras Rio-Petrópolis – 25251-730 – Duque de Caxias – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

ISBN 978-85-62533-86-0

1ª edição – 2022

CIP-Brasil. Catalogação na publicação.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L753q

Lispector, Clarice, 1920-1977

Quase de verdade e outros contos / Clarice Lispector ; ilustração Mariana Valente ; prefácio de Paulo Gurgel Valente ; posfácio Pedro Karp Vasquez. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Lendo e Aprendendo, 2022.
: il.

“Conteúdo: A mulher que matou os peixes ; O mistério do coelho pensante ; A vida íntima de Laura ; Como nasceram as estrelas”

ISBN 978-85-62533-86-0

1. Ficção brasileira. I. Valente, Mariana. II. Valente, Paulo Gurgel.

III. Vasquez, Pedro Karp. IV. Título.

22-76935

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Impressão e Acabamento: Gráfica SP

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste
livro foram produzidas com fibras obtidas de
árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

Índice

Prefácio	7
DE PAULO GURGEL VALENTE	
A mulher que matou os peixes	15
O mistério do coelho pensante	51
A vida íntima de Laura	67
Quase de verdade	83

Como nasceram as estrelas 101

Doze lendas brasileiras

Janeiro 103

Como nasceram as estrelas

Fevereiro 106

Alvorço de festa no céu

Março 109

O pássaro da sorte

Abril 111

As aventuras de Malazarte

Maio 114

A perigosa Yara

Junho 116

Uma festança na floresta

Julho 119

Curupira, o danadinho

Agosto 122

O Negrinho do pastoreio

Setembro 125

Do que eu tenho medo

Outubro 128

A fruta sem nome

Novembro 131

Como apareceram os bichos

Dezembro 134

Uma lenda verdadeira

Posfácio 139

DE PEDRO KARP VASQUEZ

MARKETING

Clarice para crianças

Para comentarmos a obra infantil de Clarice Lispector, nada melhor do que ler, em primeiro lugar, suas próprias palavras. Eis um trecho da entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner da TV Cultura de São Paulo, em fevereiro de 1977:

Como você explica a Clarice Lispector voltada para a literatura infantil?

Começou com meu filho quando ele tinha seis anos, seis ou cinco anos, me ordenando que escrevesse uma história para ele. E eu escrevi. Depois guardei e nunca mais liguei. Até que me pediram um livro infantil. Eu disse que não tinha. Eu tinha inteiramente esquecido daquilo. Era tão pouco literatura para mim, eu não queria usar isso para publicar. Era para o meu filho. Aí lembrei: “Bom, tenho, sim.”

Então foi publicado. Foram publicados três livros de literatura infantil e estou fazendo o quarto agora.

É mais difícil você se comunicar com o adulto ou com a criança?

Quando me comunico com criança é fácil porque sou muito maternal. Quando me comunico com o adulto, na verdade, estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma.

O adulto é sempre solitário?

O adulto é triste e solitário.

E a criança?

A criança tem a fantasia solta.

Também no prefácio de *O mistério do coelho pensante*, Clarice relata o mesmo início, que eu, como protagonista da história, posso confirmar que foi exatamente isso. Vendo minha mãe trabalhar na sala de estar em casa, com a máquina no colo e cercada das atividades domésticas, disse em tom de ultimato “Você escreve para tantas

peçoas, por que não escreve para mim?”, com a característica autoritária de muitas crianças nesta idade.

Estávamos em Washington, D.C., Estados Unidos, meu pai era diplomata brasileiro na Embaixada do Brasil. Eu tinha nascido lá mesmo e praticamente falávamos mais inglês do que português em casa, assim o texto nasceu em inglês. Suponho que minha mãe mesmo fez a versão para o português. Foi um longo período: de meu nascimento até voltarmos para o Brasil, ficamos seis anos lá.

E até hoje muita gente me pergunta qual era o segredo da fuga dos coelhos, o que continua um mistério para que a imaginação e a discussão em família se prolongue como já assisti muitas vezes.

Esta casa foi memorável, não só por ser o lar da primeira infância, mas porque era povoada de animais: meu fraterno companheiro Jack Valente (nos EUA, os animais recebem o sobrenome da família, é uma tradição simpática), que era um beagle encantador, assim como patinhos, pintos e por aí vai. Dessa maneira, minha

infância nesta casa teve bichos que também inspiraram Clarice, tal como na própria infância dela.

Os demais contos infantis de Clarice têm o caráter autobiográfico – menos, espero, os seres extraterrestres de Júpiter em *A vida íntima de Laura*, que foram frutos de sua ficção mesmo. Aliás, no conto “Miss Algrave”, de *A via crucis do corpo*, aparece um personagem de Saturno...

Também em *A mulher que matou os peixes* eu sou protagonista, já que fui eu que viajei e deixei meus peixes dourados no aquário de casa e minha mãe esqueceu-se de alimentá-los, certamente com ocupações mais sérias. E, neste livro, também autobiográfico, conta sobre suas experiências com seu cachorro na Itália. Em outras crônicas, como “Macacos” ou “Uma esperança”, os relatos são autênticos, quase uma descrição jornalística mesmo.

Em *Quase de verdade*, a história é sobre o Ulisses, o vira-lata que realmente acompanhou Clarice até o final de sua vida, muito divertido e carinhoso. Ulisses até participou de uma entrevista

que Clarice deu a uma importante revista semanal, com fotografia e tudo.

Eu mesmo tive uma participação especial em *Doze lendas brasileiras*; Clarice foi contratada para escrever estas lendas – na verdade, recontá-las ao seu estilo, já que são histórias tradicionais brasileiras – para o calendário de uma fábrica de brinquedos. Ocorre que muitos anos depois, eu mesmo percebi que as lendas eram tão sensíveis e com o texto tão peculiar de Clarice que combinei com a editora de transformá-lo em livro infantil. Acertei como “editor”, já que esta virou uma obra muito apreciada por crianças e adultos.

Os livros infantis de Clarice são, assim, pessoais, autobiográficos e familiares. Deve ser a razão pela qual são tão queridos para leituras em família, pelos pais, avós e tios, antes mesmo das crianças aprenderem a ler, ajudadas pelas ilustrações, e depois já iniciadas, para que mais tarde cheguem à obra adulta.

Paulo Gurgel Valente
Fevereiro de 2021



A mulher que
matou os peixes

MARKETING

Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu. Mas juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! que não tenho coragem de matar uma coisa viva! Até deixo de matar uma barata ou outra.

Dou minha palavra de honra que sou pessoa de confiança e meu coração é doce: perto de mim nunca deixo criança nem bicho sofrer.

Pois logo eu matei dois peixinhos vermelhos que não fazem mal a ninguém e que não são ambiciosos: só querem mesmo é viver.

Pessoas também querem viver, mas felizmente querem também aproveitar a vida para fazer alguma coisa de bom.

Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu. Mas prometo que no fim deste livro contarei e vocês, que vão ler esta história triste, me perdoarão ou não.

Vocês hão de perguntar: por que só no fim do livro?

E eu respondo:

– É porque no começo e no meio vou contar algumas histórias de bichos que eu tive, só para vocês verem que eu só poderia ter matado os peixinhos sem querer.

Estou com esperança de que, no fim do livro, vocês já me conheçam melhor e me deem o perdão que eu peço a propósito da morte dos dois “vermelhinhos” – em casa chamávamos os peixes de “vermelhinhos”.

Vou contar antes umas coisas muito importantes para vocês não ficarem tristes com o meu crime. Se eu tivesse culpa, eu confessava a vocês, porque não minto para menino ou menina. Só minto às vezes para certo tipo de gente grande porque é o único jeito. Tem gente grande que é tão chata! Vocês não acham? Elas nem compreendem a alma de uma criança. Criança nunca é chata.

Por enquanto só posso dizer que os peixes morreram de fome porque esqueci de lhes dar

comida. Depois eu conto, mas em segredo, só vocês e eu vamos saber.

Tenho esperanças de que até o fim do livro vocês possam me perdoar.

Eu sempre gostei de bichos. Tive uma infância rodeada de gatos. Eu tinha uma gata que de vez em quando paria uma ninhada de gatos. E eu não deixava se desfazerem de nenhum dos gatinhos.

O resultado é que a casa ficou alegre para mim, mas infernal para as pessoas grandes. Afinal, não aguentando mais os meus gatos, deram escondido de mim a gata com sua última ninhada.

E eu fiquei tão infeliz que adoeci com muita febre.

Então me deram um gato de pano para eu brincar.

Eu não liguei para ele, pois estava habituada a gatos vivos.

A febre só passou muito tempo depois.

Bem, vamos mudar de assunto.

Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se

chamam? Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir.

Peço que leiam esta história até o fim. Vou contar umas coisas: minha casa tem bichos naturais. Bichos naturais são aqueles que a gente não convidou nem comprou. Por exemplo, nunca convidei uma barata para lanche comigo.

Minha casa tem muitos bichos naturais, menos rato, graças a Deus, porque tenho medo e nojo deles.

Quase todas as mães têm medo de rato. Os pais não: até gostam porque se divertem caçando e matando esse bicho que detesto. Vocês têm pena de rato?

Eu tenho porque não é um bicho bom para a gente amar e fazer carinho. Vocês fariam carinho num rato? Vai ver vocês nem têm medo e em muitas coisas são mais corajosos do que eu.

Tenho um amigo que, quando era menino, criou um rato branco. Fiquei com tanto nojo que só quero apertar a mão de meu amigo quando passar o susto. Seu rato era, na verdade, uma rata e se chamava Maria de Fátima.

Maria de Fátima morreu de um modo horrívelzinho (eu digo horrívelzinho porque no fundo estou bem contente): um gato comeu ela com a rapidez com que comemos um sanduíche.

Como eu ia dizendo, os bichos naturais de minha casa não foram convidados. Apareceram assim, sem mais nem menos.

Por exemplo: tenho baratas. E são baratas muito feias e muito velhas que não fazem bem a ninguém. Pelo contrário, elas até roem a minha roupa que está no armário.

Vocês sabem que tive uma guerra danada contra as baratas e quem ganhou essa guerra fui eu?

Eu fiz o seguinte: paguei um dinheiro para um homem que só faz isso na vida: matar baratas.

Esse homem faz uma coisa que se chama de-detização. Ele espalha esse remédio pela casa toda. Esse remédio tem um cheiro muito forte que não faz mal para a gente mas deixa as baratas muito tontas até que morrem.

Mas parece que uma barata, antes de morrer, conta baixo às outras baratas que minha casa

é perigosa para a raça delas, e assim a notícia se espalha pelo mundo das baratas e elas não voltam para minha casa. Só seis meses depois elas ganham coragem de voltar, mas eu chamo de novo o homem dos remédios e elas fogem de novo.

Barata é outro bicho que me causa pena. Ninguém gosta dela, e todos querem matá-la. Às vezes o pai da criança corre pela casa toda com um chinelo na mão, até pegar uma e bate com o chinelo em cima até ela morrer. Tenho pena das baratas porque ninguém tem vontade de ser bom com elas. Elas só são amadas por outras baratas. Não tenho culpa: quem mandou elas virem? Vieram sem serem convidadas. Eu só convido os bichos que eu gosto. E, é claro, convido gente grande e gente pequena.

Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de bolo, uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa.